



Um diálogo possível com o rádio imaginado por Brecht¹

Carlos Roberto Praxedes dos Santos²

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)
Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)

Resumo

Entre 1927 e 1932, o poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht escreveu uma série de pequenos textos nos quais sugeria contribuições para o rádio que ainda dava seus primeiros passos. Este trabalho resgata e debate algumas destas sugestões, consideradas verdadeiras previsões para o que iria ocorrer nas décadas seguintes. Trata-se de uma pesquisa iminentemente de cunho bibliográfico que recorre a autores como Marialva Barbosa, Denis McQuail, Peter Burke, bem como autores de rádio e TV como Arlindo Machado e Milton Jung. Constata-se que Brecht anteviu as potencialidades do rádio, as possibilidades tecnológicas como forma de proporcionar a participação do ouvinte e as funções sociais do meio, principalmente antecipando o fenômeno das rádios livres e comunitárias, já que o modelo ideal de rádio para Brecht consistia num rádio em que o ouvinte pudesse ser instruído e, ao mesmo tempo, instruir.

Palavras-chave: Rádio; Bertolt Brecht; Teoria do Rádio; Função Social.

1.INTRODUÇÃO

A possibilidade de irradiar as ondas eletromagnéticas aos quatro ventos foi considerada, de início, um problema, pelos inventores do rádio. Era algo encarado como uma desvantagem comercial. De antemão, ninguém prestou atenção nas possibilidades que a nova mídia, em meados do século XX, seria capaz de desempenhar. A partir do momento em que começou a ser percebido como um meio de comunicação, e não apenas uma espécie de telefone sem fio, o rádio passou a ser introduzido nas residências, assim como o piano e o fonógrafo. A ideia do russo, naturalizado norte-

¹ Trabalho apresentado no DT 05 – Rádio, TV e Internet do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2014.

² Jornalista. Mestre em Gestão de Políticas Públicas (UNIVALI). Doutorando em Comunicação e Linguagens na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professor no Curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). E-mail: carlospraxedes@gmail.com



americano, David Sarnoff, finalmente havia saído do papel: transformar aquela invenção da década de 1910 em algo útil e rentável, algo que fosse imprescindível nas residências de todas as pessoas. Levar informação por meio das ondas hertzianas. Nos anos que se seguiram, a partir da segunda década do século XX, o rádio ultrapassou fronteiras até então intransponíveis. Nos Estados Unidos, o início da radiodifusão foi tido como uma verdadeira mania, desde que a primeira emissora, a KDKA, de Pittsburgh, a primeira estação oficial, entrou no ar, em 1920. “Em maio de 1922, o Departamento de Comércio já havia concedido mais de 300 licenças para radiotransmissão” (BRIGGS; BURKE, 2006, p.163).

No Brasil, o novo meio de comunicação surgiu em 1922, pelas mãos do antropólogo e cientista Edgard Roquette-Pinto, com a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. A novidade iria modificar para sempre um país basicamente iletrado, que se apaixonaria pela invenção logo de início.

Há que se considerar ainda que o som mediado pela nova tecnologia causou uma ampliação exponencial do espaço. Vozes e ruídos atravessavam, em ondas invisíveis, espaços que se adensariam a milhas de quilômetros de distância na casa de um desconhecido. Os sons, as conversas, a música que antes só podiam ser sentidos em presença, passaram a ser sentidos em ausência (BARBOSA, 2013, p.228).

Mesmo assim, o custo do aparelho fez com que o rádio ficasse restrito, de início, à elite brasileira. Porém, “não há dúvidas que Roquette-Pinto pretendia levar educação e cultura aos brasileiros por meio do rádio” (PRADO, 2012, p.55). O sucesso do rádio no Brasil foi logo percebido pela publicidade, regulamentada a partir de 1932 por Getúlio Vargas. O sistema de radiodifusão brasileiro rapidamente seguiu os moldes do norte-americano. O Estado-Nação transferiria a concessão pública para uma empresa privada explorar os sinais de radiofrequência, modelo prioritariamente adotado por aqui. Atualmente, os Estados Unidos possuem cerca de 13 mil emissoras de rádio. O Brasil vem em segundo lugar, no número de estações, com mais de 7 mil, entre comerciais, educativas e comunitárias.

Este trabalho tem o objetivo principal de resgatar e debater trechos dos escritos de Bertolt Brecht entre 1927 e 1932 e compilados no texto “Teoria do rádio”, que possui versões traduzidas no Brasil por alguns estudiosos de rádio. Neste caso específico, nos guiamos pela tradução feita por Regina Carvalho e Valci Zuculoto, publicado no livro



Teorias do Rádio, de Eduardo Meditsch. Alguns estudiosos já se debruçaram sobre o mesmo tema como Mario Fanucchi e a própria Valci Zuculoto que, além de traduzir, também elaborou estudo sobre os textos de Brecht. De qualquer forma, tal tema é de suma importância para este pesquisador, estudioso da área há pelo menos vinte anos.

2. ENSAIOS DE BRECHT SOBRE O RÁDIO

A partir de agora, passamos a elencar alguns dos trechos que chamam atenção por terem funcionado como uma espécie de previsão do que viria acontecer, algumas décadas depois, com o meio de comunicação rádio. A tradução de Regina Carvalho e Valci Zuculoto levou em consideração a obra de Lluís Bassets, *De las Ondas Rojas a las Radios Libres*, no qual foi originalmente publicado em 1981, em Barcelona.

Os textos de Brecht são objetivos com relação, principalmente, às funções que caberiam ao meio de comunicação. Chegam a ser proféticas as receitas sugeridas por ele para a utilização social do rádio, ao papel social deste novo meio. Os apontamentos foram feitos a partir de 1927, ou seja, sete anos após entrar no ar a primeira emissora de rádio oficial da história, nos Estados Unidos. Publicado por uma pequena revista intitulada *Berliner Börsen Courier*, o artigo “Os Programas Radiofônicos Podem Ser mais Artísticos e mais Atuais?” trazia um depoimento de Brecht sobre o assunto.

Importante frisar que vários países sequer haviam se decidido pelo modelo de radiodifusão a adotar, como é o caso da Colômbia que somente iria ter sua primeira emissora de rádio em 1929, o Canadá, que só teria sua primeira rádio em 1936 ou a Espanha, onde já havia estação de rádio privada, mas o modelo de radiodifusão sofreria alteração importante a partir de 1936, quando o Estado encampou os veículos de comunicação existentes (SISTEMAS, 2009). Ou seja, com visão a frente de seu tempo, Brecht antecipou possibilidades ao rádio que só aconteceriam décadas depois. Ele também vislumbrou situações que, até hoje, podem ser consideradas utópicas em se tratando de uma comunicação verdadeiramente democrática, mas neste caso, trata-se de uma luta constante da sociedade, sobretudo a brasileira.

Se o Brasil registrou séculos de atraso no tocante à introdução da imprensa, o mesmo não ocorreu em relação aos meios eletrônicos, pois dois anos depois da KDKA de Pittsburgh, entrava no ar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Em menos de duas



décadas, dezenas de emissoras se espalharam pelo país, transmitindo sobretudo música e informação. A rapidez brasileira, no entanto, não representou benefício ao público receptor.

“No Brasil, o rádio inspirou-se, a princípio, no modelo europeu, de linha cultural e educativa, diferenciando-se daquele apenas por não ter caráter estatal” (FANUCCHI, 1997, p.130). No entanto, ao contrário de países como a Inglaterra e a França, cujo controle da radiodifusão e sua exploração se dão por meio do Estado, no Brasil, privilegiou-se a distribuição dos canais à iniciativa privada. O resultado é a histórica falta de produção de conteúdo destinada ao desenvolvimento intelectual da população, o que seria de se esperar em um país marcado pelos altos índices de analfabetismo, sem falar no analfabetismo funcional.

No sistema de exploração comercial, é da interação entre a publicidade e a programação que vão surgir os padrões dominantes no conteúdo das mensagens: é preciso ter maior audiência para lograr maior faturamento, poder produzir novos programas e manter maior audiência, o que gera um processo em cadeia (ORTRIWANO, 1985, p.54).

Com um modelo pautado principalmente na exploração comercial do meio rádio, a “alternativa” para regularizar as experiências não comerciais foi a criação, no início da década de 1980, da chamada rádio educativa, tipo de estação espelhada nos moldes da televisão educativa, já regulamentada desde 1967, por meio do Código Brasileiro de Telecomunicações.

Incluiu-se aí todo e qualquer tipo de rádio sem o expresso fim último de obtenção de lucro, como as rádios religiosas que, em alguns casos, pouco ou nada possuíam de cultural. Neste momento, o país já assistia a uma verdadeira explosão no número de rádios livres, movimento que iniciou em 1972. Como o rádio educativo não contemplou movimentos populares independentes que clamavam por sua vez no espectro de radiofrequência, o Congresso Nacional aprovou a legislação das rádios comunitárias, em 1998. A ideia inicial era atender grupos organizados articuladores de rádios livres e regularizar tais iniciativas populares. Porém, não foi exatamente isso o que aconteceu. Boa parte das estações está nas mãos de grupos econômicos, inclusive de proprietários de rádios comerciais.

Hoje, já existem mais licenças de rádios comunitárias do que de rádios comerciais em frequência modulada, de acordo com números da Agência Nacional de



Telecomunicações (Anatel). Até dezembro de 2012, existiam 9,4 mil rádios no Brasil. Destas, 4.421 outorgas de rádios comunitárias, número superior às 2.664 rádios em frequência modulada comerciais, 469 rádios educativas, bem como 1.785 em amplitude modulada (CRAIDE, 2013).

Comunicadores sensacionalistas, locutores que se apropriam do meio de comunicação rádio com a clara intenção de obter proveito próprio como se candidatar a um cargo público, comunicadores sem conteúdo, sem responsabilidade com o ouvinte. Exemplos assim são conhecidos em vários estados brasileiros, em diversas cidades.

Tudo isso parecia ser antevisto por Brecht quando ele alertava que “um homem que tem algo para dizer e não encontra ouvintes está em má situação. Mas estão em pior situação ainda os ouvintes que não encontram quem tenha algo para lhes dizer” (BRECHT, 2005, p.36). Atento às possibilidades do meio, Brecht também identificou as imensas potencialidades de comunicação, tanto técnicas quanto as funções sociais do novo meio.

[...] vocês podem preparar, diante do microfone, em lugar de resenhas mortas, entrevistas reais, nas quais os interrogados têm menos oportunidades de inventar esmeradas mentiras, como podem fazer para os periódicos. Seria muito interessante organizar disputas entre especialistas eminentes. Poderiam organizar em salas grandes ou pequenas, à vontade, conferências seguidas de debate [...] (BRECHT, 2005, p.37).

Interessante frisar que programas de debate até hoje ainda são raros no meio de comunicação rádio, embora os programas de entrevista sejam utilizados à exaustão, algo incomum nos primórdios da radiodifusão. A sagacidade de Brecht ao se dirigir aos comunicadores de outrora fica evidente quando propõe a técnica da entrevista ao vivo, na qual o entrevistado não teria tempo para preparar respostas elaboradas e, conseqüentemente, não poderia fugir de dar as reais explicações quando se tratava de um homem público.

E para ser agora positivo, quer dizer, para descobrir o positivo da radiodifusão, uma proposta para mudar o funcionamento do rádio: é preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber, portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele. A radiodifusão deveria, conseqüentemente, afastar-se dos que a



abastecem e constituir os radiouvintes em abastecedores. Portanto, todos os esforços da radiodifusão em realmente conferir, aos assuntos públicos, o caráter de coisa pública são realmente positivos (BRECHT, 2005, p. 42).

Neste trecho, além de demonstrar-se temeroso com o uso que se faria da radiodifusão nas décadas que se seguiram, Brecht ainda destacava a necessidade do rádio possuir mão dupla, ser um meio de comunicação de recepção e de emissão, no qual o ouvinte pudesse interagir, não apenas receber a informação. Há pelo menos duas formas de analisar esta passagem, seja por meio de um viés positivo, quanto por um viés negativo.

De positivo há a possibilidade de dar voz ao ouvinte, mesmo que de uma forma superficial e irrisória. Até a década de 1960, esta participação se dava única e exclusivamente via cartas enviadas à emissora. Pode-se imaginar que mensagens destoantes da linha editorial da empresa de comunicação eram descartadas.

3. PARTICIPAÇÃO DO OUVINTE POR MEIO DA TECNOLOGIA

A partir da década de 1970, o telefone começou a ser utilizado para estreitar a relação entre emissora e ouvinte. Mas foi apenas com o advento da Internet e suas possibilidades de interação, principalmente via redes sociais, que a participação ganhou força. Termos como “ouvinternauta” passaram a fazer parte da programação de estações de rádio. O termo surgiu da experiência desenvolvida na Rádio CBN Diário, de Florianópolis, dentro do programa Notícia na Manhã. Tratava-se de um *chat* criado exclusivamente como radiojornalismo participativo, no qual a comunidade pautava o programa de forma ao vivo. Não havia reunião de pauta. A pauta era construída conforme as necessidades dos ouvintes, em tempo real

O chat da CBN/Diário é uma ferramenta disponível ao internauta do portal ClicRbs (www.clicrbs.com.br) desde que o site foi criado. Originalmente, a sala virtual de bate-papo foi oferecida apenas como mais um recurso de interatividade do portal, mas logo os usuários perceberam o potencial de participação e interferência na programação da rádio que a ferramenta poderia oferecer. Hoje, o chat permanece disponível 24 horas por dia, mas a sala praticamente só é visitada nos



horários de programação local e o pico se apresenta justamente durante a transmissão do Notícias da Manhã, quando a interatividade entre o âncora do programa e os frequentadores da sala é maior. O recurso não costuma ser utilizado ainda pelos apresentadores dos outros programas da emissora. O termo “ouvinternauta” é a expressão utilizada pelo apresentador para se referir, ou se dirigir diretamente aos ouvintes da rádio que acompanham o programa pela internet e participam do chat (RIBEIRO; MEDITSCH, 2006, p. 6)

Outras possibilidades de participação direta do ouvinte com a emissora vêm sendo utilizadas por todos os tipos de rádios, sejam elas educativas, comunitárias ou comerciais, mas, sobretudo, nos programas jornalísticos ou chamadas rádios *all News*. Exemplo disso são programas que se utilizam do sistema de mensagem instantânea via celular, no caso da colaboração por parte do ouvinte, principalmente com relação às condições das estradas.

Mais recentemente, as emissoras também passaram a utilizar o *WhatsApp*, aplicativo capaz de enviar mensagem instantânea de forma gratuita e também pelo recurso de enviar áudio por meio deste aplicativo. A BandNewsFM, rede de rádios *all News*, vem utilizando este recurso. Ouvintes enviam mensagem de áudio reportando determinado acontecimento diretamente para a emissora que, em poucos minutos, coloca a mensagem no ar, numa espécie de jornalismo colaborativo. Clara demonstração de que as tecnologias atuais, se bem trabalhadas, podem aproximar muito mais o ouvinte da emissora de rádio e assim torná-lo participante do processo.

Pensar a dimensão tecnológica é pensar em séculos de transformação do lugar do indivíduo e de seu corpo que passam a ser constituídos num outro, sempre produto da sua ação (a escrita, os meios eletroeletrônicos, a informática, e assim por diante), valorizando-se os apêndices tecnológicos como essenciais para o processo comunicacional (BARBOSA, 2012, p.151).

O viés negativo dessa dita participação da audiência é quando a emissora de rádio reduz seu quadro de profissionais responsáveis pela produção das notícias, exatamente porque o ouvinte pode participar intensamente e abastecer as informações de forma gratuita.

Também é necessário fazer um parênteses sobre a importância de não se deixar levar para o campo de um determinismo tecnológico, como se a tábua de salvação



responsável por suprimir as barreiras existentes entre o ouvinte e o meio de comunicação rádio, veículo de comunicação de massa linear, se limitasse apenas à questão técnica. Se fosse da vontade dos proprietários dos meios, não apenas o rádio mas a própria televisão já seriam veículos de mão dupla há muito tempo, não fosse a linha editorial reinante nestes meios, muito mais preocupada com a obtenção de lucro e a manutenção do *status quo*. Mas obviamente os avanços tecnológicos observados nas últimas décadas alteraram a relação emissor/receptor, mesmo que isso tenha ocorrido com a benção e o efetivo controle das corporações de mídia e não por meio do clamor popular.

Por outro, do telefone ao rádio, da televisão à informática, a tecnologia da comunicação sempre foi percebida, tanto por parte da esfera pública quanto da acadêmica, como uma aproximação ao ideal de comunhão da diversidade étnica e cultural do planeta, segundo se inferia do *marketing* acadêmico de Marshall McLuhan ao redor da ideia de *aldeia global*. A internet, alardeada como *estádio supremo* do desenvolvimento dessas técnicas, viria oferecer a interatividade capaz de dar uma resposta ao problema da dominação simbólica (o monopólio da fala) da mídia sobre as audiências (SODRÉ, 2012, p. 18).

Pertinente também é o trecho que dispõe sobre a responsabilidade que o rádio tem em representar a comunidade para a qual trabalha. Brecht enaltece a potencialidade do rádio em alardear os anseios da população e buscar resolver seus problemas junto ao poder público, não apenas no que concerne os interesses da empresa jornalística, mas os interesses próprios da comunidade abrangida pelo sinal da emissora.

A tarefa da radiodifusão, como tudo, não se esgota ao transmitir essas informações. Além disso, tem que organizar a maneira de pedir informações, isto é, converter os informes dos governantes em resposta às perguntas dos governados. A radiodifusão tem que tornar possível o intercâmbio (BRECHT, 2005, p. 42).

As características intrínsecas ao rádio como a linguagem iminentemente oral e sua mobilidade garantiram-lhe posição privilegiada em se tratando do acesso à informação. Durante décadas, o meio de comunicação se manteve como um dos principais fornecedores de informação e com maior confiabilidade no que transmitia. De qualquer forma, as pesquisas sobre recepção de rádio ainda são frágeis sobre o sucesso



desse meio de comunicação sobre as camadas mais humildes da população, encarado, em alguns casos, muito mais como entretenimento do que veículo informativo de qualidade.

Tem sido assumido, desde há muito, que a imprensa e a rádio contribuíram de tal forma para o fluxo de informação pública que ajudaram a modificar as diferenças de conhecimento resultantes das desigualdades de educação e posição social (Gaziano, 1983). Existe alguma prova, em estudos sobre campanhas políticas, para mostrar que essas «reduções nas diferenças de informação» entre grupos sociais podem ocorrer no curto prazo (por exemplo: Blumler e McQuail, 1968). Contudo, existe também evidência do efeito contrário, que mostra que uma minoria atenta recolhe muita (sic) mais informação que o resto, aumentando portanto a diferença entre sectores do publico (McQUAIL, 2013, p.463).

4. RÁDIOS LIVRES E COMUNITÁRIAS

As livres são as emissoras de rádio que operam sem autorização do poder concedente. “Presume-se que a primeira rádio livre tenha sido uma emissora sindical que, em 1925, foi ao ar na Áustria” (PERUZZO, 1998, p.241). No mesmo ano ainda aparece a União das Rádios Operárias dos Países Baixos e, em Chicago, nos Estados Unidos, “a Federação do Trabalho explora uma estação radiofônica” (MACHADO *et al.*, 1987, p.150). Por vários países da Europa e da América Latina rádios livres apareceram em contextos diferenciados, entre quinze e trinta anos depois dos escritos de Brecht sobre o rádio.

Na Espanha, a Rádio Espanha Independente, em 1941 e enfrentou a ditadura franquista durante trinta anos. Em 1969, com a bandeira da renovação política, entra no ar a Rádio Campus, de Lille, na França. Na Itália, em 1974, surge a Rádio Bolonha e, em 1976, também em Bolonha, a Rádio Alice (PERUZZO, 1998, p.241-242), de origem comunista.

Os sindicatos patronais controlaram algumas das principais rádios livres latino-americanas, como foi o caso da Rádio Sucre, na Bolívia, em 1952. Já a Rádio Rebelde foi idealizada por Che Guevara entre 1958 e 1959 (MACHADO *et al.*, 1987, p.96). A Rádio Sandino surgiu de forma livre em 1978 e de caráter opositor à Rádio A Voz da Nicarágua, emissora oficial do Estado sandinista.



No Brasil, o movimento de radiodifusão livre começou, segundo Meliani (1995), em 1971, com a Rádio Paranóica, em Vitória, no Espírito Santo, de oposição ao regime militar. Na capital paulista, várias emissoras livres surgiram a partir da década de 1980, com nomes curiosos como Rádio Totó, Rádio Ternura, Rádio Xilik, Rádio Trip, Rádio Livre-Gravidade. A maior parte dessas emissoras era mantida por jovens que reivindicavam a tão sonhada liberdade de expressão, mas mantinham-se na clandestinidade com medo da repressão policial. Exemplos de rádios livres autogestionárias surgiram em várias partes do país como a Rádio Queimados, no Rio de Janeiro e a Paulicéia, em São Paulo.

Por conta disso, rádios de baixa potência e sem autorização do Ministério das Comunicações começaram a operar em vários pontos do Brasil, embora o movimento tenha encontrado maior resistência no Sul do país. O descontentamento com o sistema concentrador de canais de rádio e televisão foi fundamental para as conversações em torno da regulamentação das rádios comunitárias. Em 19 de fevereiro de 1998, entrou em vigor a lei 9.612 que regulamenta o serviço de Radiodifusão Comunitária intitulado RADCOM.

As comunitárias são emissoras de baixa potência (25 watts), especificamente destinadas a atender a uma determinada comunidade. Mas a principal diferença dessas estações para os demais tipos de rádios é o caráter diferenciado de produção e veiculação de programas. Ao contrário das rádios comerciais e educativas, feitas para a comunidade, nas comunitárias, os programas deveriam ser feitos pela comunidade. Isso já era vislumbrado por Brecht, em 1927. Deveriam porque, em razão de brechas na legislação, as comunitárias muitas vezes são dirigidas por empresários do setor de comunicação, como forma de expandir seu império comunicacional e não cumprem à risca o que determina a lei. De qualquer forma, o trecho a seguir expõe de forma clara a concepção de rádio produzida pelos integrantes de uma comunidade, na visão de Brecht.

[...] No que se refere à técnica, a desenvolver em todas essas tentativas, orienta-se de acordo com sua missão principal, a saber: o público não apenas tem que ser instruído mas também tem que instruir. Missão formal da radiodifusão é dar a essas tentativas instrutivas um caráter interessante, isto é, fazer interessantes os interesses. Pode inclusive dar uma forma artística a uma parte, especialmente a destinada à juventude apoiariam este desejo do rádio de dar forma artística ao instrutivo, aspirações da arte moderna que quer dar, à arte, um caráter didático (BRECHT, 2005, p. 43).



Em emissoras realmente comprometidas com os ideais comunitários, os comunicadores trabalham com a difusão de informações sobre direito, educação, cultura, saúde, aquilo que interessa a essas comunidades, com uma linguagem idêntica a da comunidade na qual está inserida. Um dos principais exemplos de rádio comunitária é a Rádio Favela, de Belo Horizonte, que chegou a ser premiada pela Organização das Nações Unidas enquanto. A projeção internacional ocorreu enquanto a emissora funcionava ilegalmente, o que gerou desconforto ao governo de Fernando Henrique Cardoso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, de caráter bibliográfico, teve a intenção de resgatar e debater trechos dos escritos de Bertolt Brecht entre 1927 e 1932 e compilados no texto “Teoria do rádio”. Vários autores já se debruçaram sobre este texto em razão da importância das palavras do poeta e dramaturgo alemão e suas previsões e receitas para o meio de comunicação rádio, mesmo que tal texto tenha sido escrito nos primórdios da radiodifusão.

Interpretações e análises não se esgotam sobre “Teoria do rádio” enquanto este meio de comunicação continuar vivo, atuante. A sagacidade de Brecht, a visão antecipada sobre as potencialidades do rádio, a preocupação com a utilização social do meio, tudo isso impressiona pesquisadores e comunicadores até hoje.

Giddens, citado por Baquero (2001, p.59), destacava que é a vida cotidiana que permite compreender o sentido das instituições sociais mais amplas. Tais realidades comunicacionais já são observadas em grandes cidades brasileiras como São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Rio de Janeiro, nas quais algumas comunidades são abrangidas por rádios comunitárias desempenham papel determinante na resolução dos problemas locais e na participação cidadã. Desta forma, a comunidade é, potencialmente, chamada a participar das atividades promovidas pela rádio comunitária. O resultado da audiência é observado quase que simultaneamente nas conversas entre as pessoas da localidade



que comentam os assuntos abordados na emissora. É a possibilidade que o ouvinte/comunicador tem de ser instruído e de instruir, como antecipou Brecht.

Mesmo assim, ainda estamos longe de uma comunicação verdadeiramente democrática, na qual todos pudessem ter voz. Esta é a função social deste meio de comunicação: servir sua audiência. Função a qual Brecht considerava primordial, mesmo numa época em que a preocupação era ultrapassar fronteiras com o novo meio, dominar inclusive com objetivos bélicos ou apenas vender os produtos desenvolvidos sobretudo pelas multinacionais norte-americanas.

6. REFERÊNCIAS

BAQUERO, Marcello. Capital social na América Latina. In: _____, (Org.). **Reinventando a Sociedade na América Latina: cultura política, gênero, exclusão e capital social**. Porto Alegre: UFRGS; Brasília: Ed.Universidade. Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), 2001. p.50-70.

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARBOSA, Marialva. **O presente e o passado como processo comunicacional**. In: Revista Matrizes, v. 5, nº2, pp. 145-155. São Paulo: USP, 2012. Disponível em: <www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/253>.

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo. (org.). Teorias do rádio: textos e contextos, V.1. Florianópolis: Insular, 2005, p.35-45.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CRAIDE, Sabrina. **Rádio está presente em 88% das residências e número de emissoras dobra em 10 anos**. Agência Brasil. Empresa Brasil de Comunicação. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-02-13/radio-esta-presente-em-88-das-residencias-e-numero-de-emissoras-dobra-em-10-anos>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

FANUCCHI, Mario. **O rádio de Brecht setenta anos depois**. In: Revista USP, n.134. pp.125-133. São Paulo: USP, 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/34/11-fanucchi.pdf>>

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

MACHADO, Arlindo, MAGRI, Caio, MASAGÃO, Marcelo. **Rádios livres: a reforma agrária no ar**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

McQUAIL, Denis. **Teorias da comunicação de massa**. 6a. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

MELIANI, Marisa. **Rádios Livres: o outro lado da voz do Brasil**. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de



Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995. Disponível em: <www.rbc.org.br/art.tesemarisa.htm>

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares: A participação na construção da cidadania.** Petrópolis: Vozes, 1998.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil.** São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

RIBEIRO, Ângelo Augusto; MEDITSCH, Eduardo. **O chat da internet como ferramenta para o radiojornalismo participativo: uma experiência de interatividade com o uso da convergência na CBN-Diário AM de Florianópolis.** In: NP Rádio e Mídia Sonora, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais eletrônicos...** Brasília: INTERCOM, 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/16377784358464325011354147469576434691.pdf>>

SISTEMAS públicos de comunicação no mundo: experiências de doze países e o caso brasileiro. São Paulo: Paulus, Intervezes, 2009.

SODRÉ, Muniz. Comunicação: um campo em apuros teóricos. **Revista Matrizes (USP)**, v. 5, nº 2, pp. 11-27. 2012. Disponível em: <www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/336>

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **Debatendo com Brecht e sua Teoria do Rádio (1927-1932): um diálogo sempre atual sobre o papel social e as potencialidades da radiodifusão.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005